

Nas redes da literatura: oficina de letramento literário como estratégia de ensino na educação básica e o gênero zine como possibilidade formativa e autoral

*In the networks of literature: literary literacy workshop as a teaching strategy in basic
education and the zine genre as a formative and authorial possibility*

Maria Eneida Matos da Rosa¹
Instituto Federal de Brasília
Brasília, DF, Brasil

Resumo: O grupo de pesquisa “Nas redes da literatura”, formado em 2020 e aprovado com apoio financeiro pela agência de fomento local, FAPDF, objetiva realizar oficinas de letramento literário e digital para alunos do ensino médio, com a participação de discentes dos cursos de Letras e Pedagogia como mediadores. O projeto se divide em três etapas: reflexão teórica sobre letramento literário e digital, e noção de autoria; a elaboração das oficinas e materiais didáticos e, por último, a aplicação nas turmas de ensino médio de nossa instituição e interessadas. A metodologia compreende a pesquisa-ação, pois nosso interesse reside em realizar as oficinas pedagógicas com vistas à emancipação dos discentes envolvidos. Seguem a apresentação de algumas atividades, no intuito de publicizar nosso trabalho, promover diálogo com outros grupos e projetos de pesquisa relacionados a estratégias pedagógicas voltadas para a leitura e o letramento digital e, por último, a apresentação dos produtos elaborados na oficina de zine.

Palavras-chave: letramento literário e digital, oficinas pedagógicas, autoria, zine

Abstract: The research group "In the networks of literature", formed in 2020 and approved with financial support by the local development agency, FAPDF, aims to carry out literary and digital literacy workshops for high school students, with the participation of students from the Literature and Pedagogy courses as mediators. The project is divided into three stages: theoretical reflection on literary and digital literacy, and the notion of authorship; the development of workshops and teaching materials and, finally, their application in secondary school classes at our institution and those interested. The methodology comprises action research, since our interest lies in carrying out the pedagogical workshops with a view to the emancipation of the students involved. This is followed by a presentation of some of the activities, in order to publicize our work, promote dialogue with other groups and research projects related to pedagogical strategies aimed at reading and digital literacy and, finally, the presentation of the products produced in the zine workshop.

Keywords: literary and digital literacy, pedagogical workshops, authorship, zine

¹ Doutora em Teoria da Literatura pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (2009). É professora de Língua Portuguesa e literaturas no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Brasília (IFB), campus São Sebastião, atuando nos cursos de Letras Língua Portuguesa, Pedagogia, Técnicos Subsequentes em Secretariado e Secretaria Escolar e no Ensino médio. Coordena o projeto de pesquisa Nas Redes da literatura: oficinas de letramento literário e digital como possibilidade formativa e autoral, contemplado no EDITAL 04/2021 - Demanda Espontânea, FAPDF. Faz parte do Núcleo de Estudos da Língua em Uso e Interfaces, NELUI (IFG); é líder do grupo de pesquisa "Nas redes da literatura". E-mail: eneida.rosa@ifb.edu.br/Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-5041-7259>

INTRODUÇÃO

[...] o letramento literário é diferente porque a literatura ocupa um lugar único em relação à linguagem. Cabe à literatura [...] tornar o mundo compreensível transformando a sua materialidade em palavras de cores, odores, sabores e formas intensamente humanas (COSSON, 2006b, p. 17).

O presente trabalho pretende chamar atenção para as atividades realizadas pelo grupo de pesquisa “Nas redes da literatura”, que iniciou em 2020 e trazer os resultados referentes à oficina de zine em sala de aula, um de nossos eixos oferecidos. O objetivo principal é oferecer oficinas de letramento literário e digital para estudantes do ensino médio de nossa instituição e demais interessadas, com a participação de discentes dos cursos de Letras e Pedagogia como mediadores, que devem aplicar oficinas de práticas de ensino que tratam da literatura e de sua produção e exposição em plataformas digitais.

As atividades iniciaram em 2020, com a criação do edital interno e a seleção de 9 bolsistas para a pesquisa, por meio do apoio financeiro da agência de fomento local, FAPDF. Submetemos dois projetos de pesquisa que foram contemplados nos editais de demanda espontânea dos anos 2018 e 2020. O primeiro teve início no início de 2020 e propôs inicialmente analisar e compreender as influências dos novos meios tecnológicos sobre a literatura, através do uso equivocado de citações de autores como Clarice Lispector e Caio Fernando Abreu, nas redes virtuais. O segundo, “Nas redes da literatura: oficinas de letramento literário e digital como possibilidade formativa e autoral”, se encontra em vigência e se estende até o ano de 2024, também propõe oficinas, ampliar os espaços de diálogo, abrir caminho para o universo tecnológico sem ignorar a realidade do educando, a partir de estratégias que promovam o letramento literário e digital, contribuindo para o processo de formação continuada dos discentes das licenciaturas em Letras e Pedagogia de nossa instituição e educadores externos interessados.

Neste artigo apresentarei o referencial teórico baseado no trabalho voltado aos estudos sobre letramento literário e digital, a organização das atividades que se distribuem em três etapas e fazem parte da metodologia adotada que reside na pesquisa-ação a partir da elaboração e aplicação de oficinas pedagógicas. Por último, trago alguns resultados referentes à aplicação de uma oficina de zine em sala de aula, de modo a promover estratégias pedagógicas mediadas pela leitura e, se possível, também pelo letramento digital. Esse trabalho pode contribuir para a pesquisa, leitura e aprimoramento das nossas práticas e o desenvolvimento conjunto de novas abordagens e recursos didáticos.

1. BREVE REFLEXÃO TEÓRICA SOBRE LETRAMENTO LITERÁRIO E DIGITAL

A ideia de criarmos oficinas que promovessem o letramento literário e digital tem em vista o fato de que atuamos numa instituição pública federal, que oferece cursos de ensino superior e ensino médio técnico. O grupo de pesquisa ganhou corpo e adesão a partir de 2019, momento em que nosso primeiro projeto foi contemplado no edital da agência de fomento à pesquisa, FAPDF, e contou com a participação de 4 (quatro) docentes do colegiado de Letras, que já possuíam um histórico de atividades voltadas às

práticas de ensino e criatividade e, ao longo dos anos, outros docentes aderiram chegando hoje a um total de 6 (seis) docentes pesquisadores, dos cursos de Licenciatura em Letras e Pedagogia e com a colaboração de um docente do Colégio Técnico Federal, escola vinculada à Universidade Federal do Piauí.

Assim que as atividades tiveram início, promovemos a divisão do trabalho em 4 (quatro) sub-projetos orientados por docentes e que dialogavam com os temas do letramento literário e digital, e ficaram abrigados dentro do projeto principal. Daquele momento até hoje, tivemos a participação de 36 alunos bolsistas, contando com a colaboração ativa de 15 voluntários, perfazendo um total de 51 alunos participantes. Os subprojetos que tratavam de zine, literatura, arte e outras mídias, “instapoemas”, “fanfics”, contos e o letramento literário, construção da argumentação a partir de *podcast* e a perspectiva da multimodalidade foram abrigados no projeto guarda-chuva, promovendo múltiplas possibilidades. O trabalho se estruturou a partir do estudo do tema da leitura, letramento literário e digital, passando pela figura do autor e ganhou novas interfaces ao longo de sua execução.

Destaco o texto "Letramento literário: uma proposta para a sala de aula" (2011), de Renata Junqueira e Rildo Cosson, que subsidiaram algumas de nossas discussões, e chama atenção para os conceitos “letramento”, “letramento literário” e “letramento literário em sala de aula”. Sobre o termo "letramento", avaliam que a expressão foi pensada "para entendermos como a escrita atravessa a nossa existência das mais variadas maneiras" (p. 102), sendo algo que vai além do saber e escrever. Para eles, o letramento feito com textos literários proporciona um modo privilegiado de inserção no mundo da escrita, pois conduz ao domínio da palavra a partir dela mesma, necessitando da participação mediada pela escola para se concretizar.

Apontam para a relação efetiva com o texto e as perguntas que devem ser feitas para que o letramento ocorra, quando afirmam que "o letramento literário enquanto construção dos sentidos se faz indagando ao texto: quem e quando diz, o que diz, como diz, para que diz e para quem diz". Para eles, as respostas “só podem ser obtidas quando se examinam os detalhes do texto, configura-se um contexto e se insere a obra em um diálogo com outros tantos textos" (2011, p. 103).

Com efeito, é importante chamar atenção para o papel da produção textual dentro do processo ensino aprendizagem, que propõe trabalhar alternativas outras, além da tipologia dissertativa/argumentativa, por exemplo, produção priorizada no ensino médio, uma vez que maioria das atividades de produção textual parecem estar voltadas para o vestibular. Todavia, mesmo atividades relacionadas a esta tipologia acabam sendo prejudicadas, uma vez que persistem as dificuldades relacionadas ao letramento, principalmente o literário, tendo em vista que docentes sobrecarregados e sem tempo para pesquisar, ler e planejar, apresentam dificuldades em oferecer um rol maior de leituras e aulas que sejam interdisciplinares, dialógicas, ou que promovam o interesse pela leitura e a elaboração de textos criativos com ou sem o uso de plataformas de mídias.

É interessante verificar alguns aspectos apontados pelas professoras Mirian Hisae Y. Zappone e Stéfanny B. do Nascimento, no artigo intitulado “Letramento ficcional e letramento literário: reflexões sobre usos de textos ficcionais a partir dos estudos de letramento” (2021), que dialogam com a presente pesquisa, uma vez que não só entabulam

uma discussão teórica sobre o conceito de “letramento”, como verificam o fato de que os variados eventos de letramento estão repletos de espaços de mídias que impactam na formação do leitor na contemporaneidade.

As estudiosas, contudo, destacam previamente um fio histórico necessário acerca da investigação do uso da expressão “letramento”, demonstrando que a expressão “letramento literário” apareceu pela primeira vez, em 2006, nas Orientações Curriculares Nacionais para o Ensino Médio – Linguagens, Códigos e suas Tecnologias. Apontam que antecedente à exposição desse documento, pesquisadores ligados ao Centro de Alfabetização, Leitura e Escrita (CEALE), da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais publicaram o livro *Literatura e letramento: espaços, suportes e interfaces*, em 2003, no qual o termo “letramento literário” é utilizado por alguns autores, e em 2006, mencionam Rildo Cosson como o responsável pela publicação de vários artigos, cujos textos apontam para o uso do sintagma, sendo, mais conhecido o livro *Letramento literário: teoria e prática* (2021, p. 165).

Acreditam, todavia, existir um equívoco, uma vez que nenhum dos textos procurou partir do próprio conceito de letramento já em evidência nos anos finais de 1980 e início da década de 1990, de modo que desconsideraram o percurso investigativo que se iniciou no âmbito dos estudos linguísticos. Indicam uma série de outras pesquisadoras, como Magda Soares, também estudiosa do conceito de letramento, a qual aponta que, na verdade, ele foi utilizado pela primeira vez por Mary Kato, em 1986; em 1988, por Leda V. Tfouni no livro *Adultos alfabetizados: o avesso do avesso*, ampliando sua divulgação e utilização e em 1995, a coletânea de artigos organizada por Angela B. Kleiman, intitulada *Os significados do letramento: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita*, confirmando assim a ampliação dos estudos de letramento. Por último, para elas, a própria Magda Soares, na obra *Letramento: um tema em três gêneros*, de 1998, foi uma das grandes responsáveis pela incorporação do termo nos discursos acadêmicos e nas falas de profissionais da área da educação e das letras (ZAPPONE; NASCIMENTO, 2021, p. 166).

Assim, apesar de trazer os conceitos trabalhados pelo professor Rildo Cosson e muitos de seus textos servirem de base para nossas discussões, senti a necessidade de incorporar as informações trazidas pelas professoras Mirian Hisae Y. Zappone e Stéfanny do Nascimento, principalmente porque nosso trabalho se encaminha para o letramento associado à noção de práticas pedagógicas sociais numa situação de leitura, reflexão e, sobretudo, de escrita, linha encabeçada pelas professoras Ângela Kleiman, Roxane Rojo e pelos Novos Estudos de Letramento seguidos por Brian Street e Mary Hamilton, para os quais o conceito de letramento está diretamente associado à noção de práticas, ou seja, a um fazer, às ações produzidas pelos indivíduos em situações de uso da escrita.

Para elas, “a partir dos Novos Estudos do Letramento, a compreensão dos processos de leitura e escrita expande-se, ao relacionar-se os usos da escrita e da leitura às transformações que vieram com a globalização, com a tecnologia e com a comunicação”, não se restringindo o letramento ao âmbito escolar, embora esse seja o espaço multiplicador desse tipo de letramento:

O letramento abarca, portanto, os usos e práticas sociais de linguagem que envolvem a escrita, sejam eles valorizados ou não, locais ou globais, recobrando contextos sociais bastante diversos, tais como família, igreja, trabalho, mídias, escola e outros, numa perspectiva sociológica, antropológica e sociocultural. Há, então, nos estudos de letramento, a tentativa de compreender a leitura e a escrita não apenas no âmbito linguístico, mas também histórico, antropológico, cultural, levando em consideração os diversos locais/situações em que os sujeitos interagem por meio da escrita e, ainda, as relações de poder implicadas nesses usos. Vivenciamos práticas sociais diferentes nas quais diversas ideologias e relações de poder atuam fortemente, principalmente se levarmos em consideração as especificidades das culturas locais, as questões de identidade, das relações (nem sempre igualitárias e pacíficas) entre grupos sociais distintos, aspectos todos que acabam por configurar diferentes usos da escrita, ou “diferentes letramentos” (ZAPPONE; NASCIMENTO, 2021, p. 168).

Além dos estudos sobre letramento agregamos a noção de autoria, não no sentido de analisarmos a apropriação da obra a partir da leitura sem reflexão, mas no intuito de trabalharmos a possibilidade de todos os envolvidos se tornarem autores, seja dos materiais produzidos para as oficinas, seja dos textos oriundos dos discentes do ensino médio, interlocutores nas oficinas.

Tal noção vai ao encontro das possibilidades sinalizadas pelo professor Sírio Possenti em seu ensaio "Indícios de autoria" (2002), quando avalia que "(...) alguém se torna autor quando assume duas atitudes: dar voz a outros enunciadore e manter distância em relação ao próprio texto" (p. 112). Ratifica a seguir os dois indícios de autoria, quais sejam, "dar voz a outros e incorporar ao texto discursos correntes" (p. 113), de tal forma que o discurso do autor não lhe pertence, pertence a toda uma comunidade cultural, é atravessado pelo do outro" (POSSENTI, 2002, p. 114).

Em relação ao letramento digital e sua interação com o universo da leitura e da escrita, é interessante recorrer às palavras de Luiz Antônio Marcuschi no ensaio "O hipertexto como um novo espaço de escrita em sala de aula" (2001), quando parte da ideia de que o computador mudou nossa maneira de ler e escrever, e ao mesmo tempo traz algumas reflexões e indagações sobre o hipertexto como um novo espaço de escrita. Algumas dessas indagações moveram o trabalho realizado pelo projeto, uma vez que tínhamos como objetivo exatamente tentar transportar o texto para as redes virtuais.

Dentre as indagações propostas pelo estudioso, destacamos 3 que também fizeram parte dos nossos objetivos e hipóteses durante a aplicação do projeto: "Será o hipertexto um novo espaço da escrita? - Quais são os desafios dessa nova forma de escrever? - Em que medida o hipertexto afeta os papéis de autor e leitor?" (2001, p. 82)

Obviamente temos estudos mais atualizados que tratam sobre essas questões, bastante problematizadas e com reações negativas ao trabalho realizado com plataformas digitais em 2001 do que na atualidade, mas de todo modo, é importante reconhecer seu empenho em pensar que o hipertexto é um espaço aberto, sem margens e sem fronteiras, algo inclusive que incita um certo temor e que requer estratégias de ensino e exige a revisão de nossas estratégias de lidar com o texto. Sobretudo as estratégias que dizem respeito à continuidade textual. Para ele, essas novas estratégias seriam "a simbiose completa de autor e leitor, tendo em vista se completarem nas escolhas e todas as leituras tornar-se-iam simultaneamente produções singulares".

Retoma a definição de hipertexto por meio da explicação inicial acerca do termo que foi cunhado por Theodor Holm Nelson em 1964, que o referiu como uma escritura eletrônica não-sequencial e não-linear, que se bifurca e permite ao leitor o acesso a um número praticamente ilimitado de outros textos. Para Marcuschi, o leitor passa a ter condições de definir interativamente o fluxo de sua leitura a partir de assuntos tratados no texto sem se prender a uma sequência fixa ou a tópicos estabelecidos por um autor, e destaca que se trata de uma estruturação textual que faz do leitor simultaneamente co-autor do texto final (p. 86, 2001).

O hipertexto, pela sua natureza não sequencial é não-linear, afeta não só a maneira como lemos, possibilitando múltiplas entradas e múltiplas formas de prosseguir, mas também afeta o modo como escrevemos, proporcionando a distribuição da inteligência e cognição. De um lado, diminui a fronteira entre leitor e escritor, tornando-os parte do mesmo processo; do outro, faz com que a escrita seja uma tarefa menos individual para se tornar uma atividade mais coletiva e colaborativa. O poder e a autoridade ficam distribuídos pelas imensas redes digitais, facilitando a construção social do conhecimento.

2. METODOLOGIA E ETAPAS DE DESENVOLVIMENTO DO PROJETO NAS REDES DA LITERATURA

A metodologia empregada, verificada sobretudo pela prática, compreende a “pesquisa-ação crítica”. Segundo Maria Amélia Franco (2005), esse tipo de pesquisa decorre “de um processo que valoriza a construção cognitiva da experiência, sustentada por reflexão crítica coletiva, com vistas à emancipação dos sujeitos e das condições que o coletivo considera opressivas” (FRANCO, 2005, p. 485).

É importante ressaltar ainda as palavras de David Tripp (2005), quando avalia que a pesquisa-ação não deixa de ser “uma estratégia para o desenvolvimento de professores e pesquisadores de modo que eles possam utilizar suas pesquisas para aprimorar seu ensino e, em decorrência, o aprendizado de seus alunos” (TRIPP, 2005, p. 445).

Além da pesquisa-ação crítica optarmos pela realização de oficinas pedagógicas, como “estratégia de formação privilegiada”, conforme destaca Candau (1999). Para Candau, são “espaços de construção coletiva de um saber, de análise da realidade, de confrontação e intercâmbio de experiências, de exercício concreto dos direitos humanos” (p.11) e, conforme apontam Vieira e Volquind (2002), propiciam um ambiente de vivência, reflexão e construção de conhecimentos, pautando-se no tripé: pensar, sentir e agir. Dessa forma, através das oficinas pedagógicas, o grupo visa capacitar os alunos para uma maior autonomia e participação ativa na elaboração e execução das práticas voltadas ao letramento literário e digital.

Para a execução das atividades, elaboramos eixos que compreendem pesquisas variadas voltadas ao letramento literário e digital, que se dividem no trabalho a partir da linguagem dos memes e zines, “instacontos”, “instapoemas”, RPG e literatura, *podcast* e argumentação, multimodalidade e *fanfic*, microcontos e o recente acréscimo dos eixos de estudo "Repositório e curadoria digital", que compreende o abrigo e acesso ao público externo dos nossos materiais e o eixo que trabalha com a aplicação de oficinas de HQs.

A intenção desde o início era oferecer as oficinas produzidas pelos docentes e discentes para alunos do ensino médio, tanto de nossa instituição quanto da rede pública estadual, todavia o contexto pandêmico e os calendários das instituições impossibilitaram as atividades, sobretudo de modo presencial. Por isso adequamos as oficinas temáticas, impactadas naquele momento, ao formato remoto e apresentamos nas turmas de ensino médio na nossa própria instituição e em outras que possuíam calendário equivalente. Atualmente as oficinas oferecidas são presenciais, e já foram apresentadas em eventos como a Semana Nacional de Ciência e tecnologia e nos nossos *Webinários*. Oferecemos ainda um curso de formação inicial e continuada "Letramento literário e novas tecnologias na escola", em 2021, que ampliou nossa rede formativa para docentes da educação básica de várias partes do país.

Como parte do cronograma de atividades, criamos os chamados "Encontros formativos". Eles se dividem em "internos", exclusivos para os participantes do projeto e os "Encontros formativos externos", cujos temas tratam desde a pedagogia dos multiletramentos, oficinas de práticas pedagógicas às discussões sobre a homologação, em 2018, da nova BNCC, com a participação de palestrantes de várias instituições, tais como UFPE, UFPI, UFMG, UNICAMP e do próprio IFB e contam com a participação do público externo. Tais encontros apresentaram um público considerável de várias regiões do país, confirmando a hipótese de que o projeto tem um caráter formativo que iniciou com o ensino médio e se ampliou para docentes, sobretudo da educação básica. Trata-se do momento introdutório de nossas atividades, voltado para questões teórico-reflexivas. Seguem alguns registros dos momentos formativos, internos ou externos, nos anos de 2021 e 2022, que foram divulgados nas redes sociais do projeto:

Figura 01: Encontros formativos

Encontros formativos externos realizados em 2021

ENCONTRO FORMATIVO 1.2021 - PROJETO "ESCRITORES BRASILEIROS E A NOÇÃO DE AUTORIA NO SÉCULO XXI: A TECNOLOGIA COMO ALIADA NO LETRAMENTO LITERÁRIO NA ESCOLA"

PALESTRA:
MULTILETRAMENTOS OU LETRAMENTO DIGITAL

PROF. DR. JOSÉ RIBAMAR LOPES BATISTA (UFPI)

12 de Maio, 2021
20h-22h

Como participar do Google Meet
link da videochamada:
<https://meet.google.com/mrd-rode-xpi>
Ou disque: +55 51 4560-7433 PIN:
107285330

Mais números de telefone:
[https://tel.meet/mrd-rode-xpi?](https://tel.meet/mrd-rode-xpi?pin=9380615625991)
pin=9380615625991

Informações:
letramentoliterarioifb@gmail.com

Apoios:

Projeto Escritores brasileiros e noção de autoria no século XXI: a tecnologia como aliada no letramento literário na escola

ENCONTRO FORMATIVO 2.2021:
Projeto Escritores brasileiros e noção de autoria no século XXI: a tecnologia como aliada no letramento literário na escola

Paalestra

Ensino da Literatura: currículos e tensões com a BNCC

Prof. Dr. Clecio dos Santos Bunzen Júnior (GPEL - UFPE)

21/07/2021 | 20h30

Apoio

Encontros formativos externos e interno realizados em 2022:



Fonte: Registros retirados das páginas do Instagram e do site do projeto

A segunda etapa também segue a estrutura proposta no cronograma e compreende o período de elaboração de materiais didáticos. É neste momento que os discentes pesquisadores refletem sobre a teoria e a prática e junto de seu orientador elaboram a proposta que será aplicada na oficina pedagógica nas turmas de ensino médio.

Por último, temos a aplicação das oficinas, seja nas aulas planejadas em diálogo com docentes do ensino médio ou nos nossos eventos, os chamados Webinários que seguem para a 4ª edição em 2023. Cabe destacar que também tivemos que criar o evento voltado para a modalidade totalmente remota em virtude da pandemia de Covid 19. Os Webinários repetem o momento formativo por meio da participação de palestrantes pesquisadores e abre espaço para a elaboração de produtos, isto é, para a autoria, nas oficinas pedagógicas.

O projeto proporcionou que os participantes interagissem com diversos pesquisadores de instituições no Brasil, bem como contribuiu para o desenvolvimento do letramento literário e digital. As discussões e reflexões incentivadas aos discentes participantes do projeto ofereceram uma ampla variedade de possíveis práticas de ensino que eles poderão aplicar ao longo da profissão como docentes, com o acréscimo da construção de um novo papel ao participante leitor-pesquisador (investigador), isto é, de autor, uma vez que pressupomos que adquiram novos saberes e competências. Gerou ainda novos projetos de iniciação científica, artigos e ensaios, bem como trabalhos finais de conclusão de curso.

3. O QUE É UM ZINE, ETAPAS E RESULTADOS

Desde 2020 desenvolvo trabalhos voltados para a produção de oficinas de zine. A ideia surgiu motivada pela necessidade, neste período, de pensarmos em algumas etapas

necessárias para a construção da oficina mediada pelo letramento literário e, sobretudo digital, uma vez que a pandemia de COVID 19 obrigou os educadores a migrarem para o uso de tecnologia em sala de aula. Daí a escolha do zine, gênero textual que possui o potencial de ser desenvolvido e aplicado em qualquer formato, tanto no modo manuscrito quanto no digital.

Sobre o termo fanzine, segundo o estudioso brasileiro Henrique Magalhães, trata-se de um neologismo formado pela contração dos termos ingleses *fanatic* e *magazine*, que viria a significar "magazine do fã" (1993, p. 09). Emilie Mouquet (2014) destaca que o primeiro grupo de fãs de ficção científica (SF) se formou em 1929 em Nova York e em 1930 na Inglaterra, sendo uma forma de documentar, celebrar sua devoção e interesse pela ficção científica: "Nestas publicações de três ou quatro páginas, entre 100 e 250 exemplares, os fãs de ficção científica publicam conteúdos sobre este gênero e partilham conceitos científicos e histórias que eles próprios escreveram e trocam comentários com outros fãs." (p. 11-12).

Segundo Mouquet em *Bibliothèques et fanzines* (2014), o fanzine é um exemplo de regresso ao "objeto" cultural. Após os anos 90, com o advento da internet, a cultura do fanzine perdeu sua utilização social (liberdade de expressão e construção de comunidades), mas na segunda metade dos anos 2000 viu um ressurgimento deste gênero atípico de publicação.

Sobre as etapas, é importante mencionar que durante o 3º e o 4º bimestre de 2022, na Disciplina de Língua portuguesa do Brasil e literatura, antes de partir para a oficina, trabalhamos previamente com inúmeros gêneros textuais cuja temática percorre o contexto sócio-histórico do país, atravessando desde nossa colonização até a atualidade. O tema gerador escolhido foi "Diversidade na literatura brasileira: Intolerância e preconceito às minorias" e os assuntos discutidos compreendiam a igualdade de direitos, racismo, capacitismo e outros que estivessem ligados ao tema principal. Além do tema gerador, selecionei duas obras literárias para discussão. A primeira, o conto "Viagem a Petrópolis", de Clarice Lispector, que fazia parte da lista de textos recomendados pelo PAS (O Programa de Avaliação Seriada é o processo seletivo da Universidade de Brasília (UnB), realizado ao longo dos três anos do ensino médio regular) e o romance *O avesso da pele*, de Jeferson Tenório, escritor ganhador do prêmio Jabuti em 2022 e obra escolhida para o PNL D 2023. Por último, organizei a lista de gêneros textuais que seriam trabalhados a começar pelo principal, isto é, o romance e os gêneros de apoio e/ou formadores, quais sejam, conto, charge, meme, notícia, reportagem e artigo de opinião.

Elaborei o material de apoio para as turmas que trabalho no ensino médio, embasado no modelo de sequência didática proposto por Dolz; Noverraz; Schneuwly (2004), cuja proposta a partir da "sequência didática" é um conjunto de atividades escolares organizadas, de maneira sistemática, em torno de um gênero textual oral ou escrito. Assim, como parte do trabalho realizado em sala de aula, desde o início deveria haver a apresentação da situação, daí a escolha do tema gerador, os gêneros textuais diversos que deveriam dialogar com o tema principal, visando expor aos alunos um projeto de comunicação que se realiza "verdadeiramente" na produção final, conforme asseveram Dolz; Noverraz; Schneuwly (2004, p. 99). Contudo, não me detive regamente nesse modelo, pois resolvi partir para um trabalho constante de reflexão acerca da

realidade brasileira, o contexto social, as práticas sociais relacionadas ao letramento literário, de modo que acredito que o cotidiano em sala de aula foram os modelos norteadores para essa prática de ensino.

O objetivo, portanto, era trabalhar com gêneros textuais que colaborassem para a ampliação do letramento social, ampliação do capital cultural e conhecimento de mundo dos alunos diante do desafio de ler e fazer conexões entre esses gêneros textuais e a obra *O avesso da pele* (2020), e discutir os temas ali presentes, tendo em vista que também teríamos um encontro com o autor, no evento promovido pelo projeto "Nas redes da literatura".

Conforme mencionei, a proposta mediada pelo tema gerador ocorreu durante o segundo semestre de 2022. Assim, no terceiro bimestre, a atividade avaliativa final foi a produção de um comentário on-line sobre o *slam* "Mocinho ou bandido, nenhuma mãe merece a dor de perder um filho", de Sabrina Azevedo, outro texto selecionado para a etapa do PAS. Já o zine foi a proposta de atividade reservada para o último bimestre, tendo em vista que já estávamos trabalhando com inúmeros gêneros textuais que promoviam conexões com a temática proposta.

Tínhamos, portanto, uma temática que unia os gêneros trabalhados, e os discentes deveriam promover um diálogo entre eles no produto final. Apesar de apresentar no material a primeira etapa, ou ainda a Introdução – momento de preparação e que antecede a apresentação da oficina, já havíamos discutido uma série de textos e obras que mediarão as discussões acerca do tema na obra selecionada.

Seguem alguns exemplos presentes na coletânea elaborada para a disciplina:



GT 1
Notícia

'A Pequena Sereia': as reações aos ataques racistas contra trailer da Disney

15 setembro 2022. Este texto foi publicado em <https://www.bbc.com/portuguese/geral-62921625>

Fãs da Disney reagiram em peso contra os ataques racistas sofridos pela atriz Halle Bailey, que interpreta a personagem Ariel no novo filme *live action* 'A Pequena Sereia'. O filme reconta com atores a história da animação clássica da Disney, de 1990.

Halle Bailey, de 22 anos, é a protagonista do filme, que será lançado mundialmente em maio de 2023.

Após o lançamento do trailer do filme no YouTube, a seção de comentários ficou cheia de falas agressivas e racistas, mas os fãs da Disney e da atriz responderam imediatamente. Os fãs se movimentaram para suplantar os comentários racistas com memes e piadas, tirando sarro de quem critica o filme por ter uma protagonista negra.

Nomes influentes na indústria cinematográfica também saíram em defesa de Halle. A atriz Jodi Benson, que fez a voz de Ariel na animação de 1990 (na versão em inglês), elogiou Halle, chamando-a de "incrível".

"Estou muito orgulhosa de você e de sua performance como Ariel", disse. O produtor Chris Miller, da animação Homem Aranha no Aranhaverso, também se juntou à legião de fãs que combateram os comentários racistas com piadas e sarcasmo.

Mas a melhor reação ao trailer veio das crianças: Halle contou no Twitter que recebeu diversos vídeos mostrando a reação adorável de meninhas negras ao verem uma heroína como elas no filme.

O site Tracklist fez um compilado dessas reações que foi compartilhado milhares de vezes - uma delas pela própria atriz. Para visualizar o conteúdo visualize o QR Code:



Uma menina em um dos vídeos que viralizaram na rede social TikTok assiste ao trailer e diz, encantada: "Ela é negra como eu!"

"Ela é negra!", diz outra garotinha, empolgada, ao ver Halle no trailer como a sereia Ariel cantando a música "Parte do Seu Mundo", que também está na animação dos anos 1990.

A atriz disse que chorou assistindo às reações. "É tão fofo", comentou em uma postagem no Twitter.

A americana de 22 anos chegou à fama ao lado de sua irmã Chloe quando ambas participaram de uma mentoria dada pela cantora Beyoncé. Depois que ela foi escalada para o papel de Ariel em 2019, a jovem respondeu a críticas de pessoas que reclamaram que ela não se parecia com a jovem desenhada na animação Disney, que é representada como branca.

"Sinto que esse papel era algo maior do que eu", disse Halle à revista Variety na época. "Sinto que estou sonhando e sou apenas grata, não presto atenção à negatividade." "Vai ser lindo e estou muito animada por fazer parte disso."

**GT 2: Identidade (Jorge Aragao Da Cruz)
Elza Soares**

Se preto de alma branca pra você (oh oh oh!)
É o exemplo da dignidade
Não nos ajuda, só nos faz sofrer
Nem resgata nossa identidade
Se preto de alma branca pra você (oh oh oh!)
É o exemplo da dignidade
Não nos ajuda, só nos faz sofrer (oh oh oh!)
Nem resgata nossa identidade
Elevador é quase um templo
Exemplo pra minar teu sono
Sai desse compromisso
Não vai no de serviço
Se o social tem dono, não vai
Quem cede a vez não quer vitória
Somos herança da memória
Temos a cor da noite
Filhos de todo açoite
Fato real de nossa história
Se preto de alma branca pra você (oh oh oh!)
É o exemplo da dignidade
Não nos ajuda, só nos faz sofrer (oh oh oh!)
Nem resgata nossa identidade
Disponível em: <https://youtu.be/dfrr5-onfVI?si=JC3c8v8IXY5fMIMh>



GT3: Que mundo é este? Luís Gama

Que mundo? Que mundo é este?
Do fundo seio d'est'alma
Eu vejo... que fria calma
Dos humanos na fereza!
Vejo o livre, feito escravo
Pelas leis da prepotência;
Vejo a riqueza em demência
Postergando a natureza.
Vejo o vício entronizado;
Vejo a virtude caída,
E de coroa cingida
A estátua fria do mal;
Vejo os traidores em chusma
Vendendo as almas impuras,
Remexendo as sepulturas
Por preço d'áureo metal.
Vejo fidalgos d'estopa,
Ostentando os seus brasões,
Feio enxerto de dobrões
Nos troncos da fidalguia;
Vejo este mundo às avessas,
Seguindo fatal derrota,
Em quando farfante arrota
Podres grandezas de um dia

Se preto de alma branca pra você (oh oh oh!)
É o exemplo da dignidade
Não nos ajuda, só nos faz sofrer (oh oh oh!)
Nem resgata nossa identidade
Elevador é quase um templo
Exemplo pra minar teu sono
Sai desse compromisso
Não vai no de serviço
Se o social tem dono, não vai
Quem cede a vez não quer vitória
Somos herança da memória
Temos a cor da noite
Filhos de todo açoite
Fato real de nossa história
Se preto de alma branca pra você
É o exemplo da dignidade
Não nos ajuda, só nos faz sofrer
Nem resgata nossa identidade (2x)

GT4: Meme

Racismo não existe, minha bisavó era negra,
também tenho sangue negro. Isso é mimimi.



Crédito: Reprodução/Twitter
Memes da Barbie com frases preconceituosas de eleitores viralizam na web

GT5: Charge



Não existe racismo no Brasil. Por Duke

O que pensa a extrema direita paranoica.

Diário do Centro do Mundo / Nov 24, 2020

Disponível em
<https://www.diariodocentrodomundo.com.br/nao-existe-racismo-no-brasil-por-duke/>. Acesso em 09/05/2022

Nesta etapa, realizamos atividades diversas que deveriam iniciar com a leitura, reflexão, análise e interpretação textual sobre o tema e as especificidades dos gêneros textuais escolhidos. Como tínhamos a proposta inicial de produção do gênero textual comentário, os conteúdos trabalhados foram operadores argumentativos e coesão textual, coerência, discurso direto e indireto e tipos de argumentos.

A 2ª etapa compreendeu a leitura e o compartilhamento de citações. Trata-se do momento que antecede a apresentação da oficina, pois envolve a leitura prévia e discussão da obra. Os grupos, após lerem as obras, inserem no mural, as citações que mais chamaram a atenção. Optei pelo *Jamboard*, mas poderia ser no *padlet* ou um mural em cartolinas. As citações servem para serem utilizadas na produção do zine e devem vir com as páginas identificadas e a data de publicação:

Momento pós roda de leitura e trocas:

Esse é aquele momento pós roda de leitura. Vocês selecionaram e sublinharam os trechos que lhes pareceram mais impactantes ou de efeito e compartilharam com os colegas na roda de leitura;

Inseriram nos post-its, guardaram bem, anotaram as páginas, a edição da obra, pois poderá usá-la na sua obra, coloquem como uma tarefa do grupo;

Além das citações, veremos que vocês podem acrescentar notícias, músicas, ilustrações e/ou reportagens de impacto.

Já criei um mural no Jamboard para cada grupo. Você também poderá inserir os links/prints desses materiais.

Podemos fazer uso de inúmeros gêneros textuais. Veremos alguns em seguida.

Fonte: Elaborado pela autora.

A 3ª trata da apresentação da oficina, quando chamo atenção para a definição e as características do gênero textual, zine. Retirei do artigo "(Fan) Zines: um jeito de se comunicar", escrito por Marina Cavalcante e publicado na página Revista Pólen, algumas informações sobre o gênero textual, que pode abrigar em sua produção vários gêneros textuais, ou simplesmente um único geral, como uma poesia ou uma música, por exemplo:

Liberdade, underground, ligado a movimentos sociais, artes, música, cinema, quadrinhos, ficção científica, ilustração, poesia. Muita coisa cabe num fanzine, ou zine, numa linguagem mais atual e pop. Não é um livro, não é uma revista, não é literatura de cordel e pode ser tudo isso ao mesmo tempo.

Na 4ª etapa, que visa a construção, parti do pressuposto de que eles poderiam construir primeiramente o 'boneco' do zine, isto é, o esboço da obra, a partir das frases de efeito, citações previamente inseridas no *Jamboard*. Criar e/ou destacar as 'fans frases' ajudou na elaboração da narrativa e também os motivou a começar. Após a montagem

do boneco, partiram para a elaboração do produto. Na apresentação, sugeri algumas plataformas como *canva* ou *flipsnack*, que tinham *templates* próprios para estimular a criação, sendo que o *flipsnack* possui o layout específico para a produção de zine digital. Caso apresentassem alguma dificuldade para acessar as plataformas, poderiam aderir ao *Word*, *Powerpoint* e, diante de alguma dificuldade tecnológica, ainda teriam a possibilidade de fazer colagens, tirar fotos e me enviar, ou postar no Google Sala de aula.

O quinto e último passo compreende a seleção de gêneros textuais e a produção propriamente dita. Apresento na oficina a estrutura básica de produção que deveria ser a mesma de qualquer narrativa ficcional: 1. Tema; 2. Título de sua preferência; 3 Introdução; 4. Desenvolvimento; 5. Conclusão e, por fim, se possível, a distribuição (via plataformas digitais devido ao contexto da pandemia ou em materiais físicos impressos quando possível), com o adendo de que tínhamos um tema prévio que deveria ser seguido. A atividade avaliativa final consistiu na elaboração do zine, a partir de uma situação-problema que promoveu um diálogo com os artigos 5º e 6º da Constituição Federal (leituras sugeridas para o PAS/UnB), e a obra lida em sala de aula:

Figura 02: Atividade final

ATIVIDADE FINAL

Art. 5º Todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no País a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade, nos termos seguintes:
I - homens e mulheres são iguais em direitos e obrigações, nos termos desta Constituição;

Art. 6º São direitos sociais a educação, a saúde, a alimentação, o trabalho, a moradia, o transporte, o lazer, a segurança, a previdência social, a proteção à maternidade e à infância, a assistência aos desamparados, na forma desta Constituição.

[BRASIL. Constituição (1988). Constituição da República Federativa do Brasil. Redação dada pela Emenda Constitucional nº 90, de 2015.]

Verificaremos, a partir da produção do seu Zine, as relações estabelecidas entre o romance (*O avesso da pele*) e a realidade de abandono e descaso vividas pela parcela negra da sociedade brasileira do século XIX até hoje.
Você percebe uma distinção entre brancos e negros em nosso país?

A partir dos trechos da Constituição (artigos 5º e 6º), você acredita que os direitos de negros e brancos são os mesmos? Mulheres e homens, pobres e ricos possuem os mesmos direitos? Deficientes físicos são tratados com respeito e dignidade?

Você sabia que os artigos 5º e 6º da Constituição fazem parte da lista de leitura do PAS?

Fonte: Elaborado pela autora.

Por último, os discentes formaram grupos para produzirem uma espécie de releitura da obra selecionada, chamando atenção para o tema que foi desenvolvido ao longo de dois bimestres, por meio da criação do zine. A maior parte dos grupos compreendeu a proposta e soube trazer a articulação do tema gerador para os zines, revelando um senso crítico a partir do diálogo com a realidade. Todavia, cabe destacar que apenas um grupo teve dificuldades no entendimento da proposta, se detendo numa espécie de colagem de citações, memes e figuras que não contemplavam o diálogo com a obra, nem o tema.

3.1 RESULTADOS ALCANÇADOS

Tivemos vários produtos elaborados pelas duas turmas de 3º ano do Ensino médio, contudo no intuito de trazer à lume a ideia de que o letramento literário é como “[...] o processo de apropriação da literatura enquanto construção literária de sentidos” (PAULINO; COSSON, 2009, p. 67), selecionei dois zines em formatos de produção distintos. O primeiro, no formato digital e o segundo, manuscrito. A partir dos textos motivadores, os discentes deveriam verificar as relações estabelecidas entre o conto e a realidade de abandono e descaso vividas pela parcela negra da sociedade brasileira do século XIX até hoje.

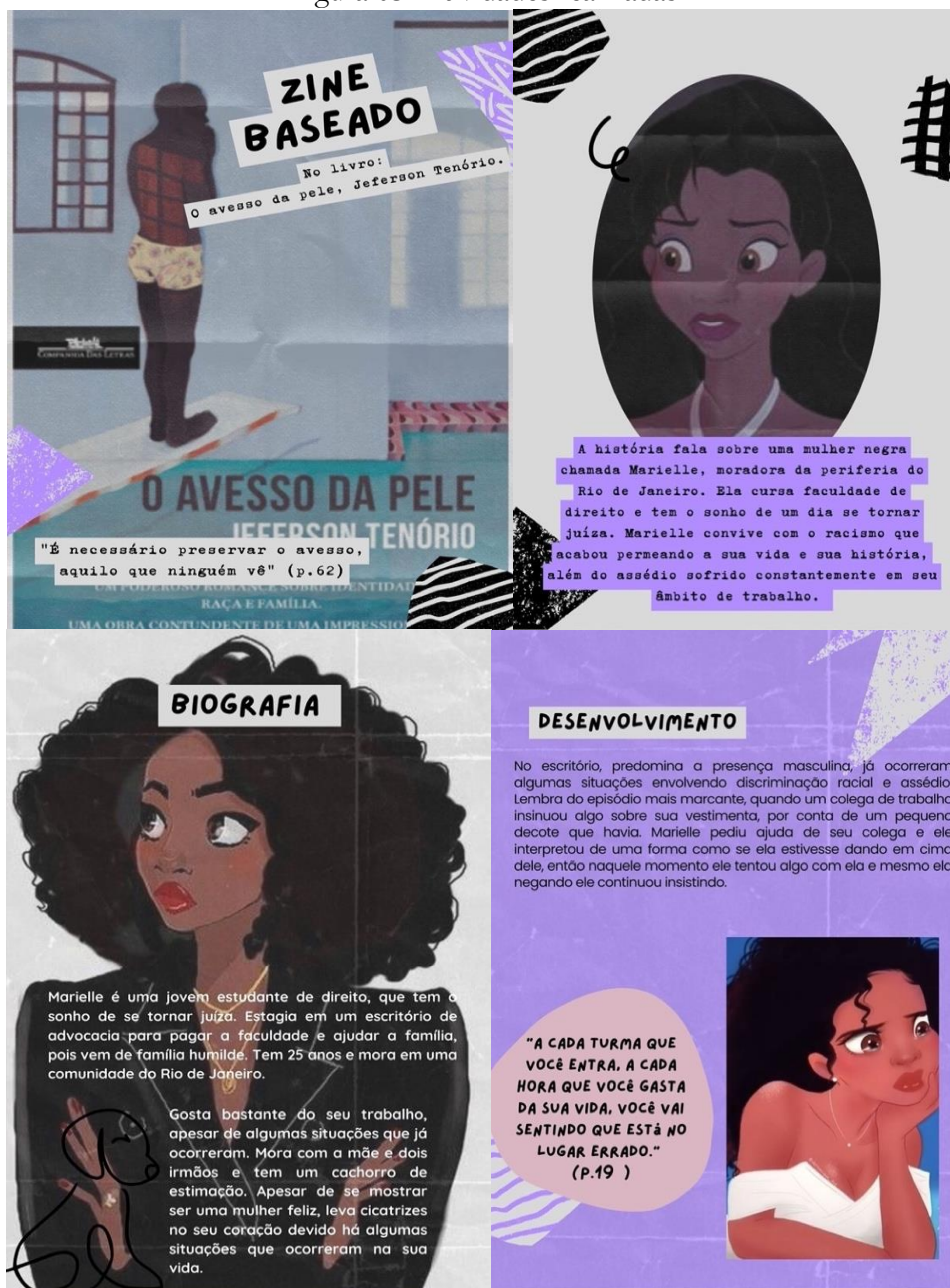
O Grupo 1, como observaremos a seguir, conseguiu se apropriar da narrativa lida em aula e os textos motivadores, uma vez que criaram uma personagem feminina que possui um nome muito significativo para a história recente do Brasil, sobretudo para as mulheres negras periféricas, rendendo homenagem à vereadora Marielle Franco, que foi assassinada em março de 2018, e tinha como pauta política garantir os direitos das mulheres, da população Lgbtqiap+, e dos negros e moradores da periferia.

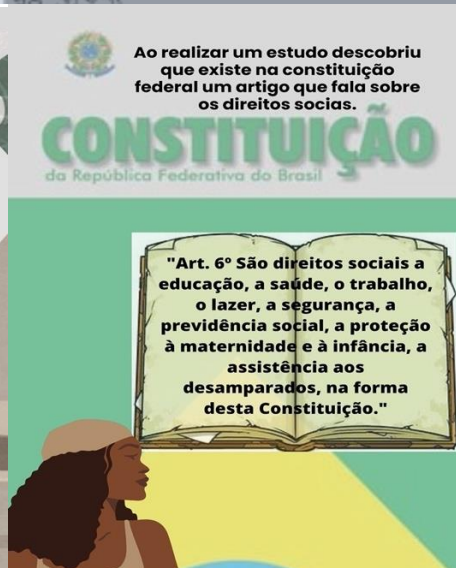
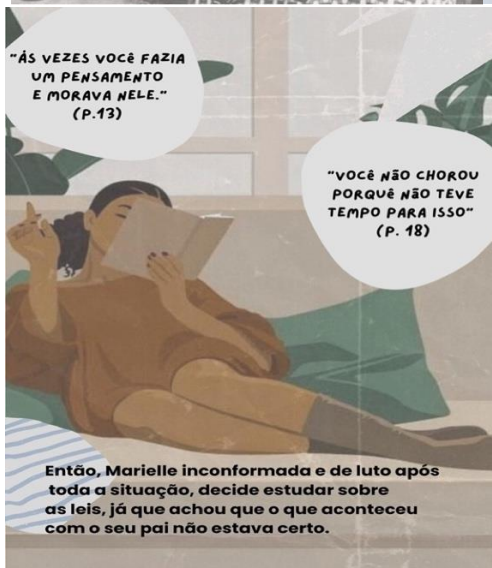
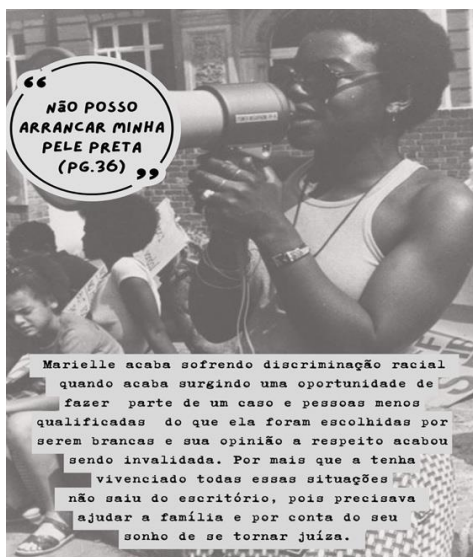
Primeiramente, o grupo criou a biografia da personagem, apresentando-a para o leitor e, em seguida, desenvolveram a narrativa que, em vários momentos, apontou para a realidade discutida na obra *O avesso da pele*. O zine iniciou pela origem de Marielli, mulher negra e moradora da periferia, passando pelas situações de assédio sexual e racismo e desembocou na história do pai da protagonista que morreu assassinado pela polícia, assim como na obra de Jeferson Tenório, cruzando os destinos das histórias.

O zine do grupo 1, apontou, contudo, para um desfecho marcado pela esperança já que a protagonista decide fazer a faculdade de direito e se tornar juíza para entender como funcionava o "sistema" e poder lutar por justiça e os direitos das minorias. É possível perceber, inclusive, que além do cotejo com as citações retiradas da obra, em vários momentos conseguiram inserir a discussão exposta nos textos motivadores retirados da Constituição Federal, aplicando recursos de linguagens, relacionando textos com seus contextos para a produção do zine.

Destaco ainda que sinalizaram para um desfecho um pouco mais otimista do que a obra *O avesso da pele*, apesar da repetição do destino trágico do pai da família, ao tentar vislumbrar, a partir da educação uma forma de lutar por justiça social, sobretudo para uma personagem preta e periférica. Por fim, posicionaram-se criticamente e elaboraram uma narrativa que se adequou ao gênero proposto, chamando atenção para o contexto histórico, político e social brasileiro, corroborando para que o zine apresentasse o tom de denúncia, uma de suas principais características.

Figura 03: Atividades realizadas



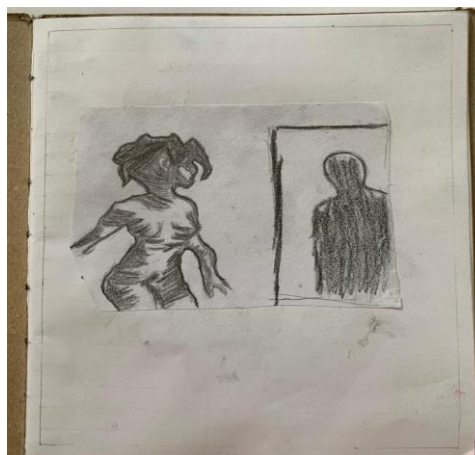




Fonte: As autoras

O Grupo 2, cujo o título escolhido para a produção foi “Obax: conhecendo a pele”, criou o zine no formato manuscrito, a partir de uma narrativa bastante elaborada e próxima do gênero conto, contendo ilustrações mescladas com colagens, recortes de notícias, intercalando o texto com citações retiradas da obra e intertextualidades com os textos lidos em aula e leituras outras.


Figura 04: Produções dos alunos



A minha história começa em 1998, quando eu nasci. Durante os parto, minha mãe, uma mulher negra, sofreu violência obstétrica e, por consequência, não a falar; acabou ficando apenas com meu pai.

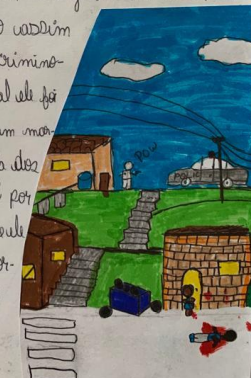
Alguns anos depois, morava com meu pai na favela e ainda não sabia ler e escrever muito sobre a vida. Descobri como é quando nós nos encontramos e como se sempre houver um "plano" dizendo "aqui não é seu lugar" por onde quer que eu fosse, pois ser discriminada pelo simples fato de ser negra valia bastante nesse emocional. Eu não escolhi nascer assim.

Hoje aos 25 anos de idade entendo que aquele bebê recém-nascido não compreendeu sobre o que aconteceu com sua pobre mãe. Por relacionarmos o corpo negro como mais forte, algo capaz de suportar dores extremas, desvalorizam as ações delas e não as reconhecem, apenas



eu no metade do cabelo do meu pai aparentemente pelo meio-fio e a outra metade espalhada pelas minhas roupas. Battei um total desespero, chorando, gritando, meu mundo havia desabado, meu pai ali, abraçado na minha frente... enquanto eu via o corpo do meu pai no chão, já sem vida, eu escutei a polícia vindo e gritando que abstruam mais um, como se brincasse de tiro ao alvo.

Meu pai não era bandido, traficante ou coisa do tipo, ele era um cidadão de bem, diligente com a lei, um trabalhador honesto e mesmo assim perdeu sua vida como um criminoso. Pela falta de um policial ali foi de um cidadão comum para um marginal, isso pelo ponto de vista das que observaram a operação. E por que fecharam isso dele? De que lado era ele mais um bandido? Por que ele era negro, é por isso, o maldito racismo desse país foi o que matou meu pai, o




meu pai não morreu enquanto seu coração dava suas últimas batidas em ritmo daquela marca capada do hospital, onde minha mãe escuteu meu primeiro e último choro.

"Resistir fazia parte de sua vida e isso nunca havia se questionado por que as coisas eram assim" (p.32)

Alguns setores em busca da minha identidade. Não a vida sendo melhor com raças, colapsos sendo por um operação dentro da minha comunidade. Foi meu pai morrer. Eu, Oba, sempre fui negro, mas se agora entendi o que é meu pai pelo significado, minha mãe é mãe de alunos, desde as primárias desse país.

Estivemos eu e meu pai no parto mais tarde do mesmo, pretendíamos ir resistir minha tia nesse dia, mas fomos surpreendidos por uma operação policial. E enquanto eu e meu pai nos escondíamos, um policial gritou para ele parar de correr os nós de uterina, mas simplesmente meu pai não escuteu e se foi sem saber já conseguiram imaginar,

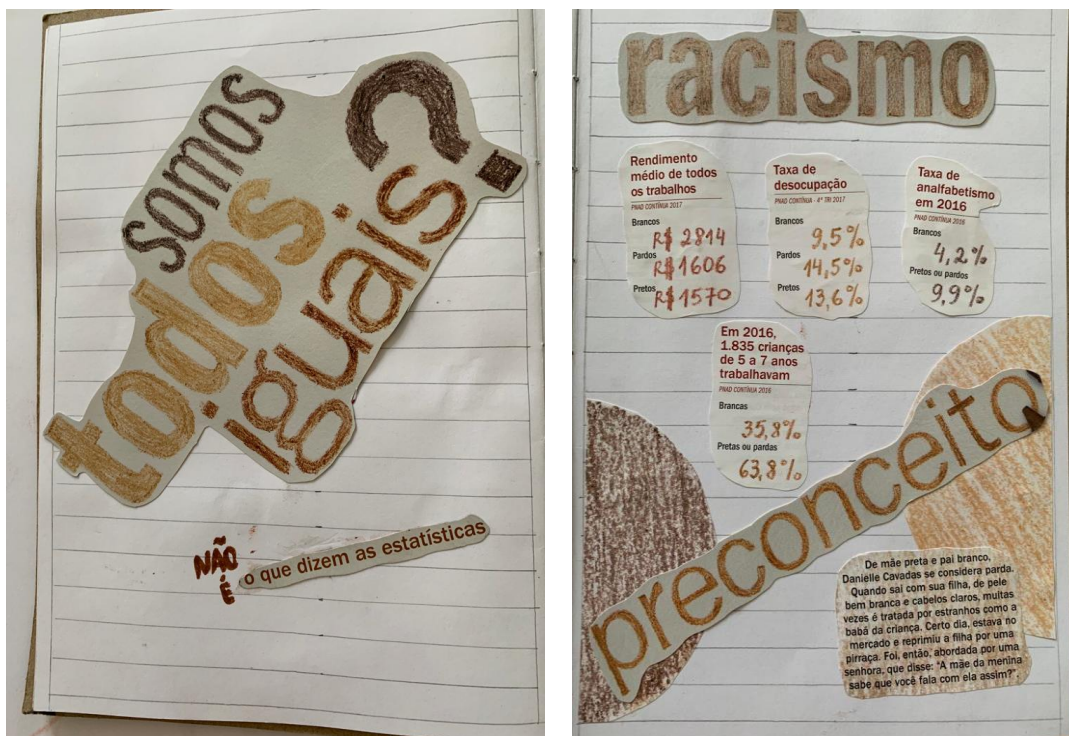


país onde um pai de família pode ser preso ou até morto apenas por estar no local errado e no hora errada. Escrito isso dele e agora está lá uterino no chão, com seu rosto deformado, sem vida e eu aqui com seu cadáver em meus braços, um completo desespero, ele estava vivo um minuto atrás, como tudo pode ter acontecido tão rápido? Ele não fez nada, ele era inocente!

Essa é o Brasil, um país onde não importa se você é do fato um criminoso ou não você ser negro, do periferia por ser considerado suspeito de algo, um roubo, tráfico, assassinato não importa, basta ser negro para a polícia, de tratar que nem lixo, te amparar, te tratar, gritos com você e me caso do meu pai, mata-lo no frente de sua própria filha.

"Minha mãe estava com três meses quando escutei um homem que tinha idade para ser seu avô dizer que ela era uma mulatinha muito gostosa" (p.54)

Aprendi a desaparecer. Torquei meu block pelo dia de progressiva e o meu cabelo sempre formal. Mas meus escutei que era uma "mulatinha cat bunita"; disseram que eu trabalhava bem, que era coisa da raça, nunca



;Fonte: Os autores

O grupo contemplou o tema principal e promoveu ao mesmo tempo um diálogo entre a obra selecionada e os artigos 5º e 6º da Constituição Federal, a partir de recortes de jornais trazendo dados sobre a diferença entre negros e brancos em relação à renda média do trabalhador, taxas de analfabetismo, trabalho infantil, pontuando que nossa Constituição não está sendo respeitada. Além disso, fizeram conexões com inúmeros textos lidos e discutidos em aula como o *slam* "Mocinho ou bandido, nenhuma mãe merece a dor de perder um filho", de Sabrina Azevedo, e a música "Cota não é esmola", de Bia Ferreira, presentes na matriz de referência do PAS (UnB).

É importante destacar ainda a presença da metalinguagem, não só na alusão aos textos já mencionados, mas sobretudo na intertextualidade entre o romance *O avesso da pele* e a obra *Orbax* (2010), de André Nunes, como uma espécie de recurso para a fusão das narrativas para a própria urdidura do zine. Os discentes autores uniram as duas narrativas, a partir da voz da protagonista Orbax, negra e mulher, que sofreu a mesma trajetória trágica de Henrique, protagonista de *O avesso da pele*, e revelou a missão de "contar histórias" e conscientizar acerca da realidade preta e periférica no Brasil. Houve uma comunhão entre os papéis dos discentes, ora leitores, ora produtores do zine, ao apontar para a consciência acerca dos temas que lhe são caros como negritude, racismo, divisão de classes e ancestralidade, à medida que se apropriaram da obra de Jeferson Tenório e se aprofundaram na leitura e na própria escrita.

Sobre o trabalho realizado na oficina de zine, chamo atenção para alguns aspectos que podem colaborar para que a atividade ocorra de maneira mais satisfatória. O primeiro aspecto diz respeito aos possíveis imprevistos como, por exemplo, não conseguir

disponibilizar uma quantidade suficiente de obras para atender a quantidade de alunos. Outro aspecto importante é reservar um tempo considerável para a leitura da obra (roda de leitura) e a mediação da leitura, pois levando em consideração os itens anteriores, é bom evitar escolher obras literárias muito longas e muitos gêneros textuais para que sobre tempo para as discussões e as etapas necessárias para a produção textual.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo buscou apresentar brevemente o percurso e as atividades realizadas pelo projeto “Nas redes da literatura: oficinas de letramento literário e digital como possibilidade formativa e autoral” e, principalmente, os resultados da oficina de zine, que faz parte do subprojeto “A linguagem dos memes e zines”, durante sua edição em 2022, por meio da escolha teórica que embasaram nossas práticas e a metodologia empregada.

Tendo em vista que nosso trabalho se desenvolveu a partir da metodologia da pesquisa-ação crítica, é importante destacarmos que a maioria de nossas atividades são construídas no sentido de promovermos o encontro com a leitura por meio de práticas que procuram estabelecer relações entre o texto literário e o momento de sua produção, situando aspectos do contexto histórico, social e político, visando a reflexão, a criticidade e a emancipação dos sujeitos envolvidos.

Além disso, procuramos visibilizar e fomentar os trabalhos dos discentes pesquisadores, que se transformam em autores de materiais e práticas pedagógicas como as oficinas, bem como de artigos e monografias na apresentação dos resultados, e também chamar atenção para o trabalho dos discentes da educação básica, nossos interlocutores nas oficinas, que também se tornaram autores de *podcasts*, *fanfics*, “microcontos”, “instacontos” e zines. Daí nosso interesse pela leitura, isto é, pelo letramento literário nas práticas de ensino aprendizagem, a fim de colaborar para a construção do protagonismo dos discentes envolvidos, na medida em que todos, ao se apropriaram dos textos, se tornaram leitores, autores e pesquisadores.

Acredito que a atividade de aplicação da oficina de zine foi muito profícua não só em virtude dos resultados alcançados, mas por ter contribuído para um momento de acolhimento no retorno às aulas presenciais, já que algumas etapas exigiram momentos de roda de leitura, reflexões sobre o tema gerador e o diálogo com gêneros textuais variados, que também contribuíram para ampliar o conhecimento de mundo dos discentes. Ademais, a partir do gênero textual, zine, elaborado pelos grupos, tanto no formato manuscrito quanto no digital, foi possível observar a interface da literatura com o hipertexto, uma vez que, retomando Marcuschi, diminuimos a fronteira entre leitor e escritor, tornando-os parte do mesmo processo, contribuindo para que a escrita se tornasse uma atividade mais coletiva e colaborativa, permeada por uma cadeia de textos que dialogaram com o tema proposto em aula, alcançando o objetivo de promovermos sobretudo o letramento literário e, quando possível e necessário, o digital.

REFERÊNCIAS

- BRASIL. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília, 2018. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/historico/BNCC_EnsinoMedio_embai_xa_site_110518.pdf. Acesso em: 15/05/2021.
- CANDAU, V.M. *Oficinas Aprendendo e Ensinando Direitos Humanos*. Educação em Direitos Humanos: uma proposta de trabalho. Novameria/PUC-Rio. 1999. Disponível em: http://www.dhnet.org.br/direitos/militantes/veracandau/candau_edh_proposta_trabalho.pdf. Acesso em: 15/05/2022.
- COSSON, R. *Letramento Literário: teoria e prática*. São Paulo: Ed. Contexto, 2006, p.14-43.
- COSSON, R.; SOUZA, R. J. *Letramento literário: uma proposta para a sala de aula*. Caderno de Formação: formação de professores, didática de conteúdos. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2011.
- COSSON, Rildo. *Letramento Literário: uma localização necessária*. LETRAS & LETRAS. v. 31, n. 3 (jul./dez. 2015) - ISSN 1981-5239.
- DOLZ, Joaquim; NOVERRAZ, Michèle; SCHNEUWLY, Bernard. Sequências Didáticas para o Oral e a Escrita. In: SCHNEUWLY, Bernard; DOLZ, Joaquim *et al. Gêneros orais e escritos na escola*. Campinas: Mercado de Letras, 2004.
- FRANCO, M. A. S. *Pedagogia da Pesquisa-Ação*. In: *Educação e Pesquisa*, São Paulo, V. 31, n. 3, p. 483-502, set./dez. 2005. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ep/a/DRq7QzKG6Mth8hrFjRm43vF/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em 20/06/2020.
- GARCEZ, Lucília H. do C. *Técnica de redação: o que é preciso saber para o bem escrever*. SP: Martins Fontes, 2001.
- GRUPO NOVA LONDRES. *Uma Pedagogia dos Multiletramentos: Projetando Futuros Sociais*. Tradução de Deise N. de Moraes et al. *Revista Linguagem em Foco*, v.13, n.2, 2021. p. 101-145. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/linguagememfoco/article/view/5578>. Acesso em 18/04/2022.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. O hipertexto como um novo espaço de escrita em sala de aula. *Linguagem & Ensino*, Pelotas, v. 4, n. 1, p.79-111, 2001.
- ORLANDI, E. P. *Interpretação: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico*. Rio de Janeiro: Vozes, 1996.
- Plano Nacional do Livro e Leitura. Disponível em: http://www.oei.es/fomentolectura/pnll_brasil.pdf. Acesso em 18 de abril de 2020.
- POSSENTI, S. *Indícios de autoria*. PERSPECTIVA, Florianópolis, 1-20, n.01, p.105-124, jan./ jun. 2002. Acesso em 20/05/2021.
- ROXO, R. (Re)pensar os multiletramentos na pandemia. In.: RIBEIRO, A. E.; MOURA V., Pollyana de M. (org.). *Tecnologias digitais e escola [recurso eletrônico]: reflexões no projeto aula aberta durante a pandemia*. 1. ed. São Paulo: Parábola, 2020.
- SOARES, M. *Novas Práticas de Leitura e escrita: Letramento na Cibercultura*. Educ. Soc., Campinas, vol. 23, n. 81, p. 143-160.
- STREET, Brian. *Letramentos sociais: abordagens críticas do letramento no desenvolvimento, na etnografia e na educação*. Trad. Marcos Bagno. São Paulo: Parábola Editorial, 2018.

- TENÓRIO, Jeferson. *O avesso da pele*. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.
- TRIPP, D. *Pesquisa-ação*: uma introdução metodológica. In: *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v. 31, n. 3, p. 443-466, set./dez. 2005. Acesso em 20/06/2020.
- VIEIRA, E.; VOLQUIND, L. *Oficinas de Ensino*: o quê, por quê? Como? 4. ed. Porto Alegre: Edipucrs, 2002.
- ZAPPONE, M. H.; NASCIMENTO, S. Letramento ficcional e letramento literário: reflexões sobre usos de textos ficcionais a partir dos estudos de letramento. *Veredas*: Revista da Associação Internacional de Lusitanistas, n. 32, p. 165-188, 1 mar. 2021.